

**Do Casulo Universitário à Borboleta Editorial:
Relatório de Estágio na editora Ponto de Fuga**



Inês Navarro Marques

2019

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do Mestrado em Edição de Texto realizado sob a orientação
do Professor Rui Zink

Relatório de Estágio na editora Ponto de Fuga

Inês Navarro Marques

RESUMO

O presente relatório é o produto do estágio curricular realizado na editora Ponto de Fuga, entre setembro de 2018 e fevereiro de 2019. Neste vou apresentar o testemunho da minha experiência, com todas as dificuldades inerentes que fui descobrindo, e os resultados do meu trabalho e contribuição na área da revisão de texto, no desafio da tradução e também uma experiência de participação em feira.

Apresento também algumas ponderações sobre o trabalho desta pequena editora e da sua afirmação no mercado editorial português.

PALAVRAS-CHAVE: revisão; edição; estágio; Ponto de Fuga.

ABSTRACT

With this report I outline my experience as an intern at “Ponto de Fuga” publishing house. Giving an account of the activities I took part in when proofreading several fictional texts, an experience in translation and my participation in a weekend fair. As this is the testimony of all the work I did as a culmination in my Masters in *Edição de Texto*, it will inevitably deal with some problems I had to overcome during this period.

I also present some thoughts on the particular characteristics of “Ponto de Fuga” as a publishing house and its growth in Portugal’s publishing market.

KEYWORDS: proofreading; publishing; internship; Ponto de Fuga.

ÍNDICE

1. Introdução.....	pág. 2
1. Ponto de Fuga.....	pág. 4
a. Visão Geral.....	pág. 4
b. Obras de Destaque.....	pág. 5
2. O Estágio.....	pág. 9
a. Reinações de Narizinho.....	pág. 11
b. Natália Correia.....	pág. 12
c. Mark Twain, Feira de fim de semana e outras tarefas.....	pág. 14
d. Belle e Sebastião.....	pág. 17
e. 5 minutos de Jazz.....	pág. 18
f. Um Dia com o Designer Gráfico Jonas	pág. 20
3. O caso da Persistente.....	pág. 21
4. Reflexões finais.....	pág. 24
5. Referências.....	pág. 26
6. Anexos.....	pág. 27
i.	pág. 27
ii.	pág. 28
iii.	pág. 29
iv.	pág. 30
v.	pág. 31

1. Introdução

O presente relatório é o resultado de um estágio curricular realizado na editora independente Ponto de Fuga. Com este relatório espero apresentar uma visão dinâmica das minhas experiências no meio editorial: como o trabalho em aula me preparou para os desafios que enfrentei ao realizar tarefas de revisão e ao pensar no livro como uma plataforma de comunicação; as dificuldades ultrapassadas e como a prática em ambiente de editora complementa o trabalho desenvolvido nas diferentes disciplinas de mestrado; também apresento algumas considerações quanto à editora que me acolheu.

O processo inicial do estágio curricular assemelha-se de alguma forma à procura de um emprego. Começamos por estruturar o cv, criar uma carta de apresentação, enviar email atrás de email na procura de uma editora que tenha recursos/interesse em acolher um estagiário. A principal diferença baseia-se no facto de estas mesmas editoras, que contactamos com todo o entusiasmo, não estarem à procura de um trabalhador inexperiente que irá por natureza precisar de maior apoio do que um trabalhador contratado.

Apostar num estagiário implica estar disponível a acompanhar um processo de aprendizagem que necessita uma supervisão mais atenta, maior investimento de tempo que poderia ser utilizado para outros fins e um trabalho reforçado de revisão dos resultados que poderia ser evitado caso se pudesse confiar nas capacidades do trabalhador.

Pode então entender-se o porquê de a maior parte das respostas não terem sido positivas.

No total enviei 20 emails a contactos obtidos durante a reunião com o professor Fernando Martins e a editoras que me despertaram interesse – a conselho do meu orientador de estágio, professor Rui Zink, incluí ainda um dos trabalhos que realizei durante o ano letivo de 2017/2018. Apenas oito editoras me responderam, só uma resposta foi definitivamente positiva.

Entra em cena a Editora Ponto de Fuga.

Até ao momento, o meu percurso académico tinha sido algo diferente do dos meus colegas. Licenciada em Antropologia, a minha experiência com os requerimentos da área editorial é reduzida, o que poderia tornar-se uma desvantagem. A oportunidade de

estagiar numa casa editorial com a estrutura e espírito da Ponto de Fuga vem ajudar a colmatar muitas destas falhas.

Numa entrevista que rapidamente evoluiu para um diálogo sobre interesses, objetivos e considerações sobre o panorama global do mercado editorial, assim como uma visão geral do trabalho e metodologia que a Ponto de Fuga estava a desenvolver, descobri que a minha inexperiência não seria entrave a um bom trabalho, desde que estivesse disposta a pôr empenho no processo de aprendizagem. Pelo contrário, devido à dimensão da editora, teria contacto com uma maior variedade de tarefas que enriqueceriam a minha experiência.

Início esta exposição com uma breve história da editora, visto que a direção escolhida pelos fundadores, limitados pelo pequeno tamanho da operação, mas procurando destacar-se no mercado editorial, teve grande impacto nos trabalhos realizados e nas metodologias usadas.

Seguidamente, avanço para uma descrição das tarefas realizadas, acompanhadas de considerações sobre a influência que a realização das mesmas teve no meu crescimento educacional/profissional. No caso de revisão, tenho em consideração os autores e como as características das suas obras (É uma reedição? Tenho acesso a publicações anteriores e em que estado se encontram? Que tipo de texto tenho em mãos?) influenciam a forma como as trabalhamos. Exponho também as dificuldades que tive com a tradução do texto de Mark Twain, como as superei e exploro ainda outras atividades básicas necessárias à manutenção de uma pequena editora.

Apresento uma panorâmica do meio editorial existente para lá das portas da editora: a sua relação com outros elementos necessários ao processo de publicação, como o *designer* gráfico João Oliveira ou a gráfica Persistente; momentos de pesquisa no acervo da Torre do Tombo com vista a enriquecer obras para futura publicação; e também a presença da editora numa pequena feira, o que dá a conhecer um processo de venda paralelo ao de vendas em livraria. Estes elementos, com os quais tive menos contacto, mas ainda assim têm de ser considerados pela sua inevitável ligação a esta realidade mais pequena que me foi possível experienciar em maior detalhe.

Termino o trabalho com algumas considerações sobre meu tempo passado com a Ponto de Fuga, e de olhos postos no futuro.

2. Ponto de Fuga

a. Visão Geral

A Ponto de Fuga foi fundada por Vladimiro Nunes e Fátima Fonseca em agosto de 2014.

Vladimiro foi jornalista durante doze anos, seis dos quais a desenvolver trabalho na área cultural do semanário *Sol*, centrando-se no mundo do livro e das artes plásticas. Ao mesmo tempo, com a editora Tinta da China, participou na tradução de algumas obras e estabeleceu relações com editores e livreiros, o que reforçou o seu interesse nesta área. Mais tarde, tendo em conta o próprio mercado dos *media*, surgem a Vladimiro complicações que se revelam inconsistentes com a sua permanência no jornal.

Por seu lado, Fátima via crescerem dificuldades com a colocação de professores nas escolas primárias, que lhe criaram problemas de empregabilidade.

Com o interesse no mercado editorial em comum, associado a um crescente sentimento de insatisfação quanto à sua situação e acreditando que apesar da crise havia espaço para uma editora se afirmar, decidem investir na criação de uma pequena empresa alicerçada nas competências dominadas por ambos, a Editora Ponto de Fuga.

A editora tem como principal objetivo publicar obras literárias de qualidade e de referência, tanto portuguesas como estrangeiras. Apostam, então, numa abordagem mais generalista (com um catálogo que inclui ficção, ensaio, poesia, infantojuvenil, arte) e investem em livros que escapam ao olho de outras editoras, como por exemplo: a publicação *Petzi*¹, uma série que praticamente desaparecera das livrarias portuguesas com as últimas edições a serem publicadas no início da década de 90 e a sua aposta de entrada no mercado editorial; ou a publicação de *Momentos de Vida* de Virginia Woolf (2017), um livro composto por cinco textos autobiográficos anteriormente inéditos em Portugal.

Com um sentimento algo nostálgico, procuram preservar e dar a conhecer a novas gerações obras que aos poucos foram desaparecendo das livrarias, nomes que foram

¹ Com título original Rasmus Klump, é um série de banda desenhada infantil criada pelo casal dinamarquês Carla (1906-2001) e Vilhelm Hansen (1900-1992) em 1951. in <http://notasbedefilas.blogspot.com/2014/11/lancamento-ponto-de-fuga-petzi-vol-1-2.html>

caindo no esquecimento e alguns que nunca sequer chegaram a ecoar no radar português.

No centro de Lisboa, podemos encontrar um pequeno escritório, onde a editora funciona com uma estrutura mínima: Vladimiro Nunes como o responsável editorial e Fátima Fonseca que trabalha principalmente na área de assessoria de comunicação.

Tendo em conta esta estrutura, muitas vezes o casal se vê obrigado a ocupar mais do que estes papéis específicos. Desde a tradução e revisão à comunicação com imprensa e com o público, passando pela contabilidade, manutenção do *site* da Ponto de Fuga e da sua página de Facebook, trabalho de vendas, contacto com a gráfica e a distribuidora Bertrand, e outras tarefas com as quais não tive contacto – todas este trabalho tem que ser feito e apenas com duas pessoas os dias são uma correria para alcançar todos os objetivos.

O mundo editorial é bem pequeno e difícil de navegar, ainda assim o nome da Ponto de Fuga tem-se destacado não só com uma sensibilidade singular no que toca à escolha das obras a serem trabalhadas e um aguçado sentido de *timing*, mas também pela qualidade das suas publicações onde não tem recursos para se destacar pelo número das mesmas.

Recentemente procuram expandir a suas operações, tendo-se considerado uma parceria com a gráfica Persistente, situação ainda incerta à data deste relatório, por motivos que serão explorados mais à frente.

b. Obras de Destaque

A aposta de entrada da Ponto de Fuga no mercado editorial foi a reedição da coleção de banda desenha *Petzi*, como dito anteriormente. De título original *Rasmus Klumpe*, esta série de 36 livros foi criada pelo casal dinamarquês Carla e Vilhelm Hansen em 1951 e publicada em Portugal entre os finais de 1970 e o início de 1990 pela editora Verbo.

Esta aposta mostrou-se uma decisão acertada para um arranque estável dado o seu potencial de mercado – sendo um livro indicado para uma faixa etária muito jovem, foca a sua mensagem nos valores de amizade, bondade, trabalho de equipa e espírito de

aventura. Ainda assim desperta o sentimento nostálgico naqueles indivíduos que leram estas histórias em criança com os seus pais e têm agora a oportunidade de partilhar a experiência com os seus próprios filhos. Mas se provou ser um bom investimento inicial também criou uma certa dificuldade pela destacada associação ao género infantojuvenil, adiando assim a entrada da editora no domínio da literatura de referência.

A Ponto de Fuga tinha como objetivo trabalhar autores de qualidade e não se limitar a um único género. Neste espírito Vladimiro e Fátima procuraram nomes de peso que pudessem enriquecer o seu catálogo e apresentar a editora numa nova luz. Dos nomes considerados, a poetisa Natália Correia, um ícone com potencial de reconhecimento abrangente no mercado, surgiu como um inteligente investimento à data da sua publicação.

O ano de 2015 marcava os 40 anos do encerramento do chamado Processo Revolucionário em Curso (PREC)², período durante o qual Natália Correia manteve um diário onde refletia sobre os tumultuosos acontecimentos dos quais não só era testemunha, mas onde também se destacava como elemento participativo. Um aniversário redondo, multiplicando as possibilidades e iniciativas de divulgação de uma obra que vinha colmatar o efémero sentimento nostálgico que tais aniversários criam e abria portas a uma oportunidade duradoura – com publicações regulares de edições revistas e enriquecidas com materiais inéditos encontrados no seu espólio, à guarda da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Assim em 2015 a Ponto de Fuga apresenta *Não Percas a Rosa* e no início de 2018 publica, então, *Descobri que Era Europeia e Entre a Raiz e a Utopia*.

Mais recentemente, servindo-se da onda de interesse gerada pela série da RTP, 3 *Mulheres*, baseada nas biografias de Natália Correia, da editora Snu Abecassis³ e da jornalista Vera Lagoa⁴, a editora decidiu revisitar uma vez mais a poetisa. Com uma reedição da sua *Antologia Erótica e Satírica* e da *Poesia Completa*, publicações que serão complementadas com diferentes testemunhos encontrados nos arquivos já referenciados e no acervo da Torre do Tombo e do Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa.

² Designação referente a uma forte movimentação social e política no decorrer de 1974/1975, (com particular ênfase entre 28 de setembro de 1974 e 25 de novembro de 1975) por parte da esquerda com vista à conquista do poder governamental. in [https://www.infopedia.pt/\\$prec-\(processo-revolucionario-em-curso\)](https://www.infopedia.pt/$prec-(processo-revolucionario-em-curso))

³ Fundadora de editora Dom Quixote, figura polémica que desafiou a ideologia do Estado Novo com a introdução de publicações consideradas de esquerda, apreendidas pela PIDE, e famosa também pela sua relação com Francisco Sá Carneiro. in [https://www.infopedia.pt/\\$snu-abecassis](https://www.infopedia.pt/$snu-abecassis)

⁴ Em 1957 torna-se a primeira jornalista locutora de continuidade na RTP, lutou ativamente contra o regime de Salazar durante grande parte da sua vida. in <http://media.rtp.pt/3/mulheres/personagens/maria-armanda-falcao-vera-lagoa-maria-joao-bastos>

A editora preenche ainda o seu catálogo com outros autores que espelham esta característica de autorreflexão, com uma variedade de autobiografias e ensaios que refletem sobre a vida e a morte:

- *Momentos de Vida* de Virginia Woolf: livro composto por um conjunto de textos autobiográficos que a autora deixou revistos e prontos a publicar. Estes textos foram encontrados após a sua morte em 1941, mas só divulgados pela primeira vez em 1976 e permaneceram inéditos em português até à sua publicação pela Ponto de fuga em 2017;
- *O Pobre de Pedir* de Raul Brandão: para assinalar os 150 anos do nascimento do autor a editora procedeu à reedição⁵ desta obra, acabada 2 meses antes da morte do autor, onde o mesmo reflete sobre a sua vida e confronta a sua mortalidade;
- *A Autobiografia de Alice B. Toklas* de Gertrude Stein (2017): nesta autobiografia escrita em apenas 6 semana, a autora relata a sua vida, chamando a si o ponto de vista e voz da sua companheira, Alice B. Toklas, fazendo um jogo das perceções do leitor e criando uma das suas obras de maior sucesso.

No género da ficção, a editora publica: *33 Revoluções* de Canek Sánchez Guevara (2017), uma obra que o autor escreveu ao longo de 7 anos (entre 2007 e 2014), dando-a por finalizada pouco antes de morrer; *Como a Sombra que Passa* e *O Inverno em Lisboa* de Antonio Muñoz Molina (2018), um dos grandes autores espanhóis contemporâneos.

E para completar um catálogo equilibrado, com uma variedade de estilo e géneros, Vladimiro e Fátima procuraram livros com uma característica singular em comum – com o objetivo de voltar a focar a importância do texto⁶ no género infantojuvenil, escolhem livros para crianças escritos por autores que não são reconhecidos nessa área: *A Árvore dos Desejos* de William Faulkner, com ilustrações de Don Bolognese (2017); *O Mundo é Redondo* de Gertrude Stein, com tradução de Luísa Costa Gomes e ilustrações de Rachel Caiano (2017); *O Homem de Ferro* e *A Mulher de Ferro* de Ted Hughes, com ilustrações de Andrew Davidson (2018); e *Contos de Encantar* de e. e. cummings com tradução de Hélia Correia e ilustrações de Rachel Caiano (2018).

⁵ A última publicação da obra *O Pobre de Pedir*, segundo a editora tinha mais de 30 anos à data da sua reedição.

⁶ Vladimiro e Fátima sentem que apesar da literatura infantil ter “uma certa pujança” há “uma certa primazia da ilustração sobre o texto”. In <https://ionline.sapo.pt/604967>.

Ainda em 2015, em parceria com a gráfica Europress⁷, fundaram a chancela PIM! E desenvolveram um catálogo com uma aura de irreverência, sem medos dedicaram-se a um conceito *vintage*, procurando (re)introduzir obras clássicas de grande qualidade e outras que parecem ter desaparecido do imaginário português.

Representando mais um caso de excelente sentido de *timing* temos, como publicação introdutória da chancela, os *Contos Completos*⁸ de Beatrix Potter, a assinalar o 150º aniversário da icónica autora⁹.

Em 2017 publicam, para o dia dos namorados, a obra *Retratos de Jovens Senhoras, Cavalheiros e Casais* de Charles Dickens e Edward Caswall, numa humorística edição que junta três textos¹⁰: *Retratos de Jovens Senhoras* de Edward Caswall, publicado em 1837 sob pseudónimo de *Quiz*; *Retratos de Jovens Cavalheiros* de Charles Dickens sob o pseudónimo *Boz*, publicado no ano seguinte como resposta à afronta presente no anterior devaneio satírico; e em 1840, por altura do noivado entre a rainha Vitória e o príncipe Alberto, surge o *Retratos de Jovens Casais*, também de Dickens.

Em homenagem ao «Repórter X», também conhecido como Reinaldo Ferreira, pioneiro do romance policial português, a chancela apresenta os títulos:

- *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho* (2017): originalmente publicado em 1917, na edição noturna do jornal *O Século*, em formato de folhetim sob o pseudónimo Gil Góis. A narrativa singular desta obra deixou muitos leitores em dúvida quanto à possibilidade destes “relatos” serem reais.
- *Punhais Misteriosos* (2018): obra escrita em Espanha e publicada em Portugal entre agosto e novembro de 1924, no *Correio da Manhã*, sob o pseudónimo Edgar Duque e adaptada ao cinema pelo próprio autor. A sua última edição data de 1926.

⁷ Editora fundada em 1986, também possui a vertente de distribuição.

⁸ Em 2016 foram publicados em quatro volumes, com reedição em 2018 num único volume. No início de 2019 a editora faz nova publicação de dois volumes – *A História do Pedro Coelho* e *A História do Coelhoinho Casimiro*.

⁹ Com quase três décadas de carreira, a autora publicou 23 livros ilustrados por si, estando traduzida em 36 línguas e contabilizando mais de 45 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo (segundo os dados obtidos pela PIM!)

¹⁰ Os textos são publicados pela primeira vez, em conjunto, no ano de 1843

4. O Estágio

Durante o estágio participei na revisão de quatro obras de diferentes autores com características de texto distintas, estas criaram a necessidade de um tratamento adaptado a cada situação:

- *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato;
- *Poesia Completa* de Natália Correia;
- *Belle e Sebastião* de Cécile Aubry;
- *5 minutos de Jazz* de José Duarte.

A Ponto de Fuga lida com um grande número de reedições (tanto por motivos ideológicos – como já referido, os fundadores têm interesse em recuperar obras que vão sendo esquecidas – como financeiros – enquanto pequena editora independente a Ponto de Fuga não têm as mesmas capacidades de financiamento que uma Bertrand ou Editorial Presença), portanto estive também encarregue de criar 5 *ocrs*, trabalho que se resume à digitalização dos livros. Estes são depois compilados em documentos pdfs pesquisáveis e são trabalhados, num processo de transcrição para *word* e revisão, em ocasião posterior. O documento final é então enviado para o *designer* gráfico que faz a passagem para o formato de *InDesign* e dá os toques finais (seguindo as direções acordadas com o responsável editorial) com uma perspetiva mais estética, pensado o livro como um objeto próprio. Depois o documento é enviado à gráfica para ser impresso – antes da impressão da publicação final, a editora tem ainda a oportunidade de avaliar as provas de impressão (protótipos do trabalho a ser impresso que serve de amostra para o responsável editorial e de guia para o impressor), último momento em que pode detetar erros ou proceder a alterações.

Como explorado na aula de História do Livro, muitos elementos têm de ser tidos em conta no momento da impressão. Para lá das especificações do documento digital (a estrutura e tipo de formatação do livro, fonte, tonalidade de cores, posicionamento de ilustrações, paginação, notas de rodapé, etc), quando se pensa o livro enquanto objeto próprio, tem que se pensar também em características físicas. Qual vai ser o seu tamanho, o número de folios, tipo de folha, tipo de capa, etc. E o momento de avaliação das provas de impressão permite uma visão mais abrangente de como estas vertentes se

articulam (por exemplo: a cor escolhida vai ter o acabamento imaginado uma vez passada para a folha?). Infelizmente não tive oportunidade de participar nesta fase da edição e complementar as bases teóricas com um momento de prática em que pudesse testar esses conhecimentos.

Mas pude participar numa grande parte desse processo, a começar com a criação de *ocrs*, já anteriormente referido. Como amante de livros¹¹, admito que tive as minhas dúvidas quanto a esta tarefa, visto ser preciso esborrachar o livro contra o *scanner*, de forma a conseguir o máximo de qualidade de imagem e algumas das digitalizações tiveram de ser repetidas (o tamanho dos livros não ajuda neste processo, criando sombras que distorcem a imagem).

Particpei no trabalho de passagem a documento *word* e verifiquei que muitas vezes a formatação do documento vem com erros, e mais: letras são substituídas por outras ou mesmo por números; *bolds*, *itálicos* e a paginação transferem para o *word* resultados bizarros, que se podem assemelhar a endereços *online*; manchas nas folhas têm resultados semelhantes, etc. Tudo isto implica uma revisão atenta, não só com vista à atualização ortográfica e a uma formatação simples, que ainda assim tenha em consideração o tipo de texto com que estamos a lidar (por exemplo a prosa tem uma formatação diferente da poesia), mas também à limpeza destas imperfeições.

Pude também testemunhar parte do trabalho de fecho de livro num dia passado com o *designer* gráfico João Oliveira, momento que pôs em relevo as visões distintas que levam à criação do livro e como o compromisso faz parte de cada passo do processo editorial.

Durante o estágio tive ainda oportunidade de: participar na tradução de um pequeno texto de Mark Twain, que me apresentou desafios inesperados; ajudar numa feira de fim de semana; visitar a Torre do Tombo e realizar pesquisa no seu acervo.

Também durante o meu tempo com a editora me foi possível perceber alguma fricção e dificuldades com a gráfica Persistente, estive presente para alguns episódios menos agradáveis desta realidade e testemunhei várias reuniões na procura de resolução deste panorama (ver ponto 4).

¹¹ Tendo também em conta que os livros não me pertenciam e alguns tinham sido requisitados a bibliotecas, tive grande preocupação em mantê-los na melhor condição, dadas as características da tarefa.

a. *Reinações de Narizinho*

A minha primeira tarefa na editora foi a revisão do livro *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato¹². Futura aposta de reedição no género da literatura infantojuvenil e um clássico da literatura de língua portuguesa, que entrou em domínio público no início do ano de 2019.

Uma tarefa que previa concluir sem grandes problemas, com o pdf pesquisável previamente feito e com os primeiros capítulos já revistos por uma colega de mestrado também a completar o estágio, cedo apresentou desafios. A verificação ortográfica foi feita de forma relativamente rápida (apesar dos problemas já considerados com a passagem do pdf para *word* e da presença de termos invulgares), graças ao apoio *infalível* da correção automática e de *sites* como *infopedia.pt*, *priberam.org* e *ciberduvidas.iscte-iul.pt*, todos apenas a um clique de distância... e a facilidade ficou-se por aí.

No processo de revisão dei conta de alguns excertos em falta, procedi à sua inserção manual e revi várias vezes para garantir que nada me escapara. Rapidamente percebi a necessidade de se criar um glossário para incluir no produto final – visto que, sendo o autor Brasileiro e a obra dos anos 30, dei de caras com os tais termos desconhecidos ou invulgares. Com esse objetivo em mente, recorri uma vez mais aos sites acima referido, e apoiei-me bastante no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* publicado em 6 volumes pelo Círculo de Leitores entre 2002-2003, para a construção de um glossário fiável.

Ainda nesta experiência de criação do glossário tive de ter atenção à escolha dos termos a incluir na lista e à forma como explicava o seu significado – tinha de ser explícita, mas não podia usar linguagem muito complicada pois o livro é dirigido a crianças. Tive também de ter em conta os termos que, embora podendo suscitar confusão/curiosidade nas crianças, não seriam necessários incluir porque estes pequenos leitores poderão recorrer facilmente aos seus familiares para esclarecimento. Curiosidade que estimulará um interesse pela leitura e dar-lhes-á bases educacionais importantes, as quais poderão fazer uso no futuro.

¹²O livro *Reinações de Narizinho*, foi publicado originalmente pela Companhia Editora Nacional em 1931. É uma obra que reúne um conjunto de livros publicados separadamente entre 1920 e 1931, mas que partilham um mundo imaginário em comum e personagens recorrentes. in http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172015000200390

Pensei ter terminado e apresentei o trabalho ao Vladimiro. Mas o documento voltou para trás. Tinha de alterar a formatação toda.

Neste momento, foi-me explicado que, aquando do fecho de livro e com a passagem do documento *word* para um documento *InDesign* a formatação mais complexa poderia criar alguns problemas (semelhantes aos erros existentes na passagem do pdf para word) que depois nos iriam forçar a uma nova revisão, algo fácil de evitar com uma formatação inicial mais simples.

No final o trabalho estendeu-se para tomar conta da minha vida por quase três semanas.

Lição aprendida. Nunca começar um trabalho de revisão com esperança de que seja fácil, pelo contrário devo preparar-me para horas de muito trabalho e luta com o texto. Ter à mão ferramentas complementares ao trabalho de revisão, como dicionários e gramáticas no caso de surgirem dúvidas e explorar várias possibilidades de resolução de problemas.

Embora tenhamos feito alguns exercícios de revisão nas aulas de Teoria da Edição e Técnicas de Edição, os quais certamente ajudaram a orientar este processo, a dimensão de um livro como as *Reinações de Narizinho*, dificulta este trabalho. A quantidade de informação a ser processada e revista parece embrulhar um pouco o pensamento. Descobri que fazer intervalos entre a revisão de capítulos era importante para me manter atenta e cometer menos erros, ou seja, acabei a pensar o livro em excertos, num primeiro momento de revisão, e só depois olha-lo como um todo.

b. Natália Correia

Com o intuito de aproveitar o interesse despertado pela série televisiva *3 Mulheres* da RTP, na qual uma das personagens principais não é outra senão a nossa arrojada Natália Correia, a Ponto de Fuga decidiu visitar as obras desta autora polémica que nos ajuda a pensar a atualidade. É verdade que ao longo dos anos foram dados grandes passos positivos a nível cultural e cívico, e embora o panorama político seja bem diferente (maioritariamente pela positiva), ainda assim aparecem ideologias que refletem o passado. Também na questão de igualdade de género as diferenças são gigantes, no que

toca às leis Portugal encontra-se no topo da tabela¹³, falta a prática seguir o exemplo da lei.

À data deste relatório já se tinha realizado o fecho de reedição da *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*¹⁴ da autora, a revisão esteve ao encargo de uma outra colega de mestrado (Também a estagiar com a Ponto de Fuga? Somos como moscas ao mel!) que partilhou árduos e maravilhosos dias de trabalho com esta empenhada estagiária, na altura a fazer a revisão da *Poesia Completa*¹⁵ de Natália Correia.

Diga-se de passagem, não foi trabalho rápido.

Com esta obra comecei do zero – primeira tarefa, criar o *ocr* e, com dois calhamaços para digitalizar, o processo demorou quase dois dias.

Mais uma vez se procedeu à atualização ortográfica, mas numa obra maioritariamente constituída por poesia é necessária uma atenção mais cuidada de forma a não deturpar o sentido/espírito poético. Também a formatação carece de um toque diferente quando se tem de lidar com a estruturação poética. Fazendo uso da opção de realce de texto e dos comentários, fui marcando palavras/secções que me suscitassem dúvidas, para esclarecimento posterior.

Foi-me ainda dada a oportunidade de acompanhar o Vladimiro à Torre do Tombo, momentos de pesquisa orientados à obtenção de material complementar, que desse testemunho dos acontecimentos relacionados com processo judicial contra a poetisa pela publicação da mesma, material inédito que vai enriquecer estas reedições.

Dedicámos três tardes¹⁶ a estas pesquisas realizadas no acervo da Torre do Tombo que continha materiais e registos do Tribunal da Comarca de Lisboa e da PIDE. Como estava acompanhada do Vladimiro apenas tive de fazer ficha de entrada de visitante e não foi preciso fazer um registo no site deles para poder aceder à informação. Antes de entrarmos para a salas de consulta, foi necessário deixar a nossa bagagem nos cacifos da entrada – deram-nos um saco transparente para levarmos os portáteis, blocos de notas e materiais de escrita¹⁷.

¹³In <https://www.publico.pt/2018/12/07/sociedade/noticia/portugal-quinto-pais-onde-leis-normas-sociais-garantem-igualdade-genero-1853842>

¹⁴Obra originalmente publicada em 1965 pela editora Afrodite de Fernando Ribeiro de Mello, ilustrada por Cruzeiro Seixas, e que foi de imediato apropriada pela censura. in <https://in-libris.com/products/antologia-de-poesia-portuguesa-erotica-e-satirica?variant=17215676037>; A edição mais recente que consegui encontrar foi publicada em 1999 pelas editoras Antígona e Frenesi.

¹⁵A edição mais recente que consegui encontrar foi publicada em 1999 pela editora Dom Quixote.

¹⁶Grande parte da pesquisa em acervos já tinha sido realizada anteriormente, estes momentos foram orientados a confirmar algumas informações e à procura de materiais referenciados noutros testemunhos conseguidos.

¹⁷Achei irónico terem deixado que levássemos os telemóveis, perante todos os outros cuidados existentes para a proteção do material e nos processos de consulta.

Uma boa parte dos materiais que procurávamos estava digitalizado (cartas para familiares e amigos; relatos de vigilância da PIDE), mas só poderiam ser enviados ao Vladimiro através de requisição, portanto a primeira consulta teve de ser feita nos computadores da Torre do Tombo que tinham acesso exclusivo aos servidores do seu acervo. Também tivemos acesso a alguns materiais físicos, nomeadamente as fichas de censura da Pide, ainda sem digitalização.

Estas visitas de pesquisa deram-me a conhecer uma realidade mais abrangente dos processos de censura e de investigação (li vários relatos de elementos da PIDE que mantinha Natália Correia e o seu grupo de relacionamentos sobre vigia; vi provas, nas fichas de censura, da quantidade de obras da poetisa que foram apropriadas pelo governo, etc), a que a autora foi sujeita sob a alçada do Estado Novo.

c. Mark Twain, Feira de fim de semana e outras tarefas

Após terminar o meu trabalho de revisão da poesia de Natália Correia, foi-me lançado um desafio de tradução com um texto de Mark Twain, *Conversation, as it was by the Social Fireside, in the Time of the Tudors*.

Tarefa que não senti ter competências para realizar devido à minha falta de experiência na área de tradução, mesmo assim passei uma tarde que me fez desesperar e duvidar do meu conhecimento de inglês, antes de admitir derrota e falar das minhas dúvidas ao Vladimiro.

Para se perceber o porquê do meu desalento, aqui ficam uns excertos do texto:

Yesternight

toke her maiste ye queene a fantasie such as she sometimes hath, and had to her closet certain that doe write playes, bokes, and such like, these being my lord Bacon, his worship Sir Walter Raleigh, Mr. Ben Jonson, and ye child Francis Beaumonte, which being but sixteen, hath yet turned his hand to ye doing of ye Lattin masters into our Englishe tong, with grete discretion and much applaus. Also came with these ye famous Shaxpur. A righte straunge mixing truly of mighty blode with mean, ye more in especial since ye queenes grace was present, as likewise these following, to wit: Ye Duchess of Bilgewater, twenty-two yeres of age; ye Countesse of Granby, twenty-six; her doter, ye Lady Helen, fifteen; as also these two maides of

honor, to-wit, ye Lady Margery Boothy, sixty-five, and ye Lady Alice Dilberry, turned seventy, she being two yeres ye queenes graces elder.

In ye heat of ye talk it befel yt one did breake wind, yielding an exceding mightie and distresfull stink, whereat all did laugh full sore, and then

So please you madam, my limbs are feeble wh ye weighte and drouth of five and sixty winters, and it behoveth yt I be tender unto them. In ye good providence of God, an' I had contained this wonder, forsoothe wolde I have gi'en 'ye whole evening of my sinking life to ye dribbling of it forth, with trembling and uneasy soul, not launched it sudden in its matchless might, taking mine own life with violence, rending my weak frame like rotten rags. It was not I, your maisty.

Como é possível perceber, o autor usou uma linguagem antiquada ao escrever este texto supostamente passado na era dos Tudor, um fac-simile do inglês seiscentista – tornando o texto muito complicado de perceber, quanto mais de traduzir.

Sem experiência de tradução e sentido dificuldades até de interpretar o texto informei o Vladimiro que não pensava ser capaz de fazer a tradução, uma decisão que ele pareceu compreender e na altura ficamos por aí, mas revisitaria a tradução deste mais tarde.

Entretanto tínhamos também de preparar a presença da editora numa pequena feira de fim de semana, no Hype Market, situado na Avenida da Igreja, N. 37.

Foi uma corrida para chegar a horas de montar banca e expor o material para apresentação (Como colocar os livros em relação uns aos outros, de forma a criar uma “montra” apelativa? Como é que se trabalha com esta máquina de multibanco?) Naquele primeiro dia apenas eu e a minha colega estagiária ficamos encarregues da banca.

Foi uma experiência elucidativa.

Numa feira em que eramos a única editora presente, eramos de facto a única banca com livros, a reação da população mostrou-se tanto hilariante quanto triste, com pessoas a passarem sorrateiramente por nós, tentando evitar o nosso olhar (com mais empenho



Ilustração 1: Editora Ponto de Fuga marca presença no Hype Market

ainda quando lhe sorriamos ou parecia que lhes íamos dirigir palavra) e quem se aproximava parecia ter medo que os livros mordessem... talvez fosse tudo do meu nervosismo, mas juro a pés juntos que é assim que me lembro da situação. Em dezenas de pessoas, apenas uma mão cheia delas se aproximou e nos dirigiu palavra, só fizemos três vendas.

À tarde o Vladimiro e a Fátima vieram substituir-nos e, pelos seus relatos, as coisas melhoraram bastante. É possível que a população estranhasse o aparecimento súbito de uma banca de livros neste espaço, que visitam com alguma regularidade. É igualmente possível que a Fátima e o Vladimiro já estivessem à espera que os visitantes da parte da manhã não estivessem tão interessados nos produtos da editora e, portanto, deram-nos a oportunidade de participar na experiência de venda, num momento em que se esperasse menos confusão (e foram aproveitar a manhã com calma).

Ainda por esta altura fiquei novamente encarregue de fazer *ocrs*: *Memórias de um Chauffeur de Táxi*, *O Taxi n.º 9297* e *Heidi*. Estive sempre disponível para ajudar noutras tarefas básicas de manutenção de loja como ajudar na preparação de livros para reposição em livraria, criar listas de consignação, limpeza da montra¹⁸, entre outras tarefas.

Quando tinha algum tempo ocioso, voltava a tentar traduzir aquele monstro de sete cabeças. Eventualmente consegui fazer uma tradução do primeiro parágrafo:

A noite passada

Estava sua Majestade, a rainha, a entreter como era seu costume e recebeu em seus aposentos alguns autores de peças, livros e outros que tais, sendo estes *lord* Bacon, o venerável *Sir* Walter Raleigh, o Sr. Ben Jonson e o jovem Francis Beaumont, o qual tendo apenas dezasseis anos já se debruçara sobre o estudo e a tradução dos mestre latinos para o nosso inglês com grande discrição e ampla (efusiva) aclamação. Com eles encontrava-se também o famoso Shakespeare. Verdadeiramente uma estranha amálgama de sangue real e ruim, especialmente com a graciosa presença de sua Majestade e dos presentes a saber/de notar: a Duquesa de Bilgewater, vinte e dois anos; a Condessa de Granby, vinte e seis anos; a sua filha *lady* Helen, quinze anos; assim como as duas madrinhas de honra *lady* Margery Boothy, sessenta e cinco anos e *lady* Alice Dilberry, que tendo completado recentemente os seus setenta anos é dois anos mais velha que sua Graça, a rainha.

¹⁸Quando Vladimiro e Fátima alugaram o espaço da editora, conseguiram uma loja com montra e pensaram aproveitar o espaço para uma pequena livraria: onde vendem-se os seus produtos e os de outros autores. No entanto a localização da loja, um pouco escondida, não promove esta possibilidade e as pessoas que mostravam interesse e batiam à porta acabavam por interromper a operação editorial. O casal acabou por desistir da ideia, mas ainda mantém a montra com as suas publicações

Decidindo que manteria uma linguagem simples, sem tentar imitar o estilo antiquado (fator que mais dificuldades me criava) acabei por conseguir traduzir uma página e apresentei o resultado ao Vladimiro, altura em que aconselhou a não me preocupar demasiado com o produto final, pois ainda havia tempo de ver, rever e trabalhar o texto até estarmos satisfeitos. Devia começar com uma tradução “em bruto” e só depois aperfeiçoar o texto – quanto à aplicação do estilo seiscentista, Vladimiro remeteria a tradução a uma colega, com experiência de literatura da época.

Apesar de todas as dificuldades inerentes a este tipo de texto a melhor parte foi o desafio, que terminado me deu muita satisfação, pois passei de uma mentalidade derrotista a um estado de espírito motivado e interessado, e provei a mim própria aquilo de que sou capaz.

d. Belle e Sebastião

A obra *Belle e Sebastião* de Cécile Aubry foi escolhida como mais uma aposta para o catálogo PIM!. Uma história que explora os temas de aventura, amizade e liberdade focando o desenvolver da relação entre um rapaz, Sebastião, e o mais fiel dos amigos, a cadela Belle. Um livro que imediatamente após a sua publicação inspirou uma série televisiva (1965-1970), depois uma série de anime (1981) e mais recentemente três filmes - *Belle et Sébastien* (2013) e *Belle et Sébastien, l'aventure continue* (2015) *Belle et Sébastien 3 le dernier chapitre* (2017)¹⁹.

A publicar em 2019, penso que vá verificar-se uma decisão proveitosa – pois esta é uma história que ressoa desde a sua publicação à atualidade e conecta gerações. No entanto, o seu começo não foi assim tão auspicioso. A tradução de Pedro Cerejo ficou um pouco aquém das expectativas, com uma linguagem algo rígida e complexa, parecendo impactar negativamente no ritmo, no fluir da história, obrigando a uma revisão mais refletida do texto.

Essa revisão inicial foi realizada pelo Vladimiro, passando ainda pelas mãos da Fátima antes de me ser entregue para uma rápida leitura final.

¹⁹in https://pt.wikipedia.org/wiki/Belle_et_S%C3%A9bastien e https://www.imdb.com/title/tt6449336/?ref_=fn_al_tt_3

Foi a tarefa em que estive menos envolvida, um par de dias que mais se assemelharam a um fim de semana calmo aproveitado para usufruir de um livro. Decidi olhar o texto como qualquer outro leitor, deixando raros comentários quando detetava algumas daquelas gralhas que mancham inevitavelmente todas as edições.

e. 5 minutos de Jazz

5 minutos de Jazz é um livro constituído por um conjunto de textos que refletem o trabalho de introdução e apreciação do jazz no panorama português, desafio titânico levado a cabo por José Duarte ao longo dos anos com o seu programa do mesmo nome – *5 minutos de Jazz*, que tem a distinção de ser o programa de rádio mais antigo de sempre em Portugal, com mais de 50 anos de emissão.

Ora, aqui está um livro que nos caiu no colo vindo do nada.

Esta história começa no final de janeiro, com um email impaciente, e algo rude, de um cliente que fizera uma compra *online* nesse mesmo dia e à tarde ainda não tinha recebido comprovativo de compra. Assunto rapidamente resolvido, e quando Vladimiro telefonou ao cliente para esclarecer a situação, descobriu que estava a falar com o José Duarte do programa *5 minutos de Jazz*. Com o desenvolver da conversa, e o apaziguar do equívoco, Vladimiro descobriu que José Duarte estava interessado numa reedição do seu livro, agora que os direitos de autor recaiam novamente nele (previamente o livro tinha sido publicado pela Oficina do Livro em 2000), e já tinha financiamento para isso.

Como Vladimiro mostrou interesse no projeto, rapidamente marcaram uma reunião, e dois dias depois comecei o trabalho de transcrição e revisão.

Também este livro apresentou alguns desafios no que toca à formatação. Se por vezes segue as regras outras, parecendo querer reproduzir o estilo jazz nos seus textos, o autor propositadamente escreve fora das mesmas, improvisa.

Seguem-se algumas páginas digitalizadas do livro, como exemplo:

se hoje fosse convidado para realizar um programa de rádio de jazz
resposta seria sim se:
chamar-se-ia «o jazz, esse desconhecido»
e
teria duração maior do que «cinco minutos» plecease

há quarenta e dois estreei-me da rádio parafraseando alexis carrel
«l'homme cet inconnu» – o jazz, esse desconhecido
hoje tudo está na mesma ou quase ou pouco diferente o que para
o caso é pior
mesmo título seria pois ainda muito apropriado

há trinta e quatro comeci com o «cinco»
e com milhares de «cinco» acabarei
muitos me contam cantam na rua
um dois umdoistrêsquatro cinco minutos de jazz

pouco mais se sabe de jazz no meu país do que contar até cinco
o respeito e a distanciação foram however ou mesmo cependant
alcançados
a gravidade não
mas a música jazz deixou de ser ofendida
passou-se a não dar pela música jazz
ou a ir a concertos variados
a muitos festivais
de+

curioso é verificar que o gigantismo e a pequenez
ambas situações ridículas
são as culpadas pela popularidade do jazz entre nós

o jazz não é popular entre nós
popular é o pão

cascais nos anos sessenta com seus mega festivais
mais
«cinco minutos de jazz» por dia útil (!)
foram os pólos por cá fundamentais na divulgação do jazz

sei contudo e com tudo porque é que não ah!
*jazz na escola vulgo conservatório escola tradicionalmente
conservadora
*jazz nas tvs que são hoje cinco mas que amanhã serão +
*jazz em publicação própria como nos outros catorze países que
amanhã serão +
*jazz na rádio com espaço tempo civilizados como ah! nos outros
países crescidos

pela mesma razão que os pilotos kamikaze usavam capacete
ou
pela mesma razão que o rato mickey usa luvas

a minha missão está pois cumprida
e depois da minha geração
só os links na net
do capital-trabalho para a informação-conhecimento
que a informação lixo seja processada
que a informação não lixo seja processada
e transformada em conhecimento produtivo

Lisboa, Junho 2000

Jaz

Tudo o que vos vou contar me aconteceu este mês na
Cinemateca Portuguesa.
Às escuras.

O pasmo durou cerca de cento e três minutos que é o
comprimento de «Wild Man Blues».
Os filmes medem-se em minutos e avaliam-se em estrelas.
O pasmo ainda dura.

Barbara Kopple decidiu filmar a digressão que o prazer, que
Woody Allen tem pelo jazz, realizou pela Europa.
Recentemente.

A digressão não incluiu Portugal, sei porquê, sei também é que
se Woody tivesse vindo tocar a Lisboa teria enchido alguns
Coliseus dos Recreios, que é um lindo nome. Recreios!
Woody trouxe amigos também. Para tocarem. Não se ouviu foi
suficientemente o contrabaixo, o contrabaixista que dá pelo

nome de Greg Cohen. Fiquei assim sem saber se Greg Cohen
é Greg Cohen, esse inestimável músico que com Joey Baron
forma a melhor (?) secção rítmica do jazz contemporâneo.
É coincidência a mais terem o mesmo tipo de constituição
física, tocarem o mesmo instrumento, terem os mesmos dois
nomes e serem duas pessoas diferentes.

Os EUA têm disto e de muito mais, reconheça-se.
É sem muita dificuldade que acredito que, só por pura
amizade, Cohen toque Música parecida com a que de Nova
Orleães era e é. Com Allen.

Estou é a afastar-me do mais inacreditável que a história, que
vos quero contar, tem para vos contar.

Não interessa para aqui e para agora se o filme é assim-assim
ou não ou sim, se as inúmeras piadas são piadas ou não, se o
jazz, tipo Nova Orleães, está bem filmado ou está filmado,
porque é difícil filmar sons e não há som jazz que se veja, só
em «Mo' Better Blues».

O que interessa é que o filme foi exibido na sua versão original,
legendada em português.

É aqui que a porca torce o rabo!

Nunca soube porque é que em situações como esta o rabo
torcido da porca e pela porca fica bem, mas também o que é
certo é que está a encobrir uma grande raiva. Raiva porque
assim que apareceu a primeira legenda com a palavra jaz
estremeci. Estremeci e continuei a estremecer porque as
legendas apareciam e desapareciam com muitas, muitas,
mesmo muitas vezes a palavra jaz!. Descaradamente repetidas,
inqualificavelmente projectadas para serem mostradas!.

O público, muito e jovem, não deu por nada e só se riu de
Woody.

f. Um Dia com o Designer Gráfico

Chegados os dias finais do estágio, foi-me dada a oportunidade de testemunhar o processo de design do livro, num dia passado com o designer gráfico João Oliveira. O livro em processo de fecho, que depois seria enviado para impressão na gráfica, era *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* de Natália Correia.

Durante este dia apercebi-me de uma outra preocupação necessária ao campo editorial, já falada em ambiente de aula, mas que tomou nova ênfase com esta experiência. Pensar o livro não apenas como o texto, mas sim como uma plataforma de transmissão dessa informação, o livro como um objeto complementar ao texto.

Questões de paginação, alinhamento (algo a ter muito cuidado quando trabalhamos com poesia), notas de rodapé, ilustrações, cores, etc. Todas estas características envolvidas no design, têm de ser pensadas de forma a serem apelativas para o leitor, sem que interfiram com o ritmo e espírito do texto, mas procurem enaltecê-lo.

Foi interessante perceber as duas visões em duelo, com a visão mais estética de João Oliveira em oposição à sensibilidade textual de Vladimiro. Não direi que cada página era uma luta, mas muitas discussões surgiram ao longo desse dia. Seguiram-se regras gerais acordadas antes do início do trabalho, mas estas tiveram de ser reavaliadas quase que de caso para caso.

Os poemas mais pequenos apresentaram situações de simples resolução, mas aqueles que eram precisos dividir por páginas geraram problemas. Para o João, interessava era manter o equilíbrio gráfico (dava a sensação que não estava a ler o texto e só via a mancha, as linhas), mas por muitas vezes esse equilíbrio perfeito era inalcançável e criava imperfeições no ritmo de leitura, alterando o espírito da mensagem.

Enquanto via João Oliveira trabalhar o documento InDesign, consegui acompanhar bem o processo (onde e como inserir notas de rodapé; que ferramentas usar para a manipulação de imagens, etc.), em parte graças à disciplina de Informática para a Edição, e pensar o objeto recordando as aulas de História do Livro.

Um bom livro nasce dos pequenos compromissos, o texto e a imagem apresentada devem complementar-se e fazer sobressair as melhores características da obra. Este é um trabalho extensivo, de grande empenho e possível de realizar apenas com muita paciência.

5. O caso da Persistente

Com o intuito de expandirem as suas operações, Vladimiro e Fátima procuraram uma parceria com a gráfica Persistente, com quem já tinham trabalhado em ocasiões anteriores com resultados bem satisfatórios. No entanto, durante o meu estágio pude presenciar alguns momentos de fricção nas suas relações e testemunhar situações que puseram em causa esta possível parceria.

Para além e atrasos na entrega da edição dos livros de Beatrix Potter e do Álbum de Amadeo de Souza-Cardoso, quando finalmente receberam os caixotes de livros dos da compilação *Contos Completos* de Beatrix Potter aperceberam-se que teriam ocorrido alterações ao documento de impressão pois a capa tinha sido sujeita a mudanças inesperadas.

Também o livro *A Caravana Encantada* da autora, recebido na mesma data, mostrava defeitos de acabamento que viriam a gerar desagrado numa futura reunião com a Bertrand.

Como estas publicações já estavam atrasadas para entrega, tiveram de seguir assim para as livrarias.

Apesar das dificuldades em contactar com o diretor da gráfica, em finais de novembro assisti a uma reunião com o Sr. Letras da Persistente, uma tentativa de resolução destes problemas – também a empresa gráfica passava por algumas alterações estruturais, motivo pelo qual se justificou os problemas em discussão.

Infelizmente, no início de dezembro surgem novos problemas também com a reedição dos *Contos Completos* de Beatrix Potter em volumes (os dois primeiros volumes agora com os títulos *A História do Pedro Coelho* e *A História do Coelhoito Casimiro*). Problemas que não poderiam ser desculpados, o mais óbvio: o facto de os exemplares terem sido entregues com as capas todas estragadas. Dando-lhes a aparência de livros usados e não de livros acabados de sair da gráfica.

Um ou dois livros poderia compreender-se ter sofrido danos no transporte, mas o caixote inteiro aponta para irresponsabilidade no trabalho de finalização da capa.

Em baixo apresento um conjunto de fotos, tiradas em 06/12/2018, que dão provas do estado degradado dos livros.



Desta vez a Ponto de Fuga não teve outra opção senão enviar tudo para trás, suportando o prejuízo que tal acarretava. Pois embora se tenham recusado a pagar as impressões originais, o lançamento dos livros estava previsto para o natal, altura em que a editora esperava conseguir o maior lucro com a sua venda. Já vinham com atraso e perante o estado em que se encontravam não puderam ser vendidos.

Como seria de esperar, tudo isto criou dúvidas quando às melhores opções para a direção futura da editora. Eventualmente Vladimiro conseguiu falar com o diretor a Persistente, discussão que pareceu acabar de forma positiva – as queixas foram consideradas de forma séria e, com planos para a entrada na Feira do Livro de 2019, a parceria seria uma mais valia para a Ponto de Fuga – mas ainda assim a confiança nesta relação permanece incerta.

6. Reflexões finais

Ao longo do relatório procurei expor o conjunto de atividades e funções que realizei durante o meu estágio na editora Ponto de Fuga, uma experiência que penso ter sido a melhor escolha para término do meu percurso académico. Permitiu-me adquirir competências definitivamente enriquecedoras e ferramentas que poderei utilizar no futuro, complementando as bases teóricas desenvolvidas em aula.

Deparei com diversas particularidades e dificuldades ligadas aos diferentes tipo de tarefas em desenvolvimento.

O trabalho de revisão baseia-se na atenção às minudências da língua, tendo grande cuidado com a ortografia, mas não podemos esquecer o todo do texto. Se tomamos uma decisão, por exemplo na grafia de um nome (estou a pensar no texto de Monteiro Lobato em que a decisão foi fixar a grafia cavalo Pampa²⁰), no início do texto não podemos esquecer de manter essa regra ao longo de todo o documento. É um processo lento e repetitivo, mas necessário para que o texto flua melhor e dessa forma enriqueça a mensagem partilhada. Ainda sobre a revisão, ao trabalhar a poesia de Natália Correia esta atenção quanto aos pormenores linguísticos tem de ter em conta a estrutura e o espírito do poema, há grafias que não podem ser alteradas pois o poema/estrofe só faz mantendo essa especificidade.

Só realizei um trabalho de tradução, uma sugestão de Vladimiro com o intuito de me dar contacto a outras ferramentas necessárias ao campo editorial. Na aula de Técnicas da Edição, já tinha realizado pequenos exercícios de tradução, mas não me prepararam para esta experiência. O texto de Mark Twain apresenta um estilo estranho do inglês, quase irreconhecível. Foi um trabalho repleto de desafios, mas torna-se mais simples se não tentar saltar de imediato para o produto final. Ao todo devo ter feito quatro versões diferentes da tradução, sem contar com uma primeira tradução “em bruto” mais simples, e ainda ficou um trabalho inacabado.

A participação na feira de fim de semana, o testemunhar de várias reuniões (com representantes da gráfica, com José Duarte, com potenciais ilustradores para trabalhos futuros), as visitas de pesquisa a acervos, o dia passado com o designer gráfico e perceber a preparação intensa para reuniões com a distribuidora Bertrand²¹ - tudo isto

²⁰ Pampa refere-se à característica de pelagem malhada no cavalo, mas neste caso era o descritivo de um personagem específico.

²¹ Reuniões que não estive presente para testemunhar, só participei no trabalho de preparação.

me deu a conhecer um panorama mais abrangente do mercado editorial que está em constante negociação com o trabalho editorial.

Um livro tem por detrás trabalho que se estendem por um longo tempo. Num processo que compreende uma miríade de fatores e indivíduos [a aquisição de direitos de autor (não só do texto, mas também de ilustrações e imagens), financiamento, tradução, revisão, processos gráficos, processo de distribuição, comunicação ao público, entre outros que espero explorar no futuro] cada passo é uma negociação, a cada passo fazem-se compromissos²².

Numa nota mais pessoal, a editora mostrou-se como um espaço de discussão aberta, de convívio e de trabalho solidário, com a Fátima e o Vladimiro sempre disponíveis para tirar dúvidas.

O trabalho de um editor não é linear. Principalmente numa editora pequena, há que se desdobrar em várias pessoas para se conseguir chegar onde quer que seja. Desta realidade tinha eu alguma consciência, portanto sempre estive disposta a ajudar, até nas tarefas mais básicas de manutenção de loja.

Esta atitude acabou por se destacar e já fui convidada para permanecer com a editora. Uma oportunidade que espero não deixar passar.

²² Por exemplo, em conversas com o Vladimiro e a Fátima apercebi-me que a Bertrand fica com quase 40% do valor das vendas de livros da Ponto de Fuga. Contabilizando todos os outros pagamentos a efetuar e investimentos para obras futuras, a margem de lucro é uma tira bem pequena do bolo.

7. Referências

Obras Trabalhadas:

CORREIA, Natália, *Poesia Completa*, Lisboa, Circlo de Leitores, 1993.

DUARTE, José, *5 minutos de Jazz*, Lisboa, Oficina do Livro, 2000.

LOBATO, Monteiro, *Reinações de Narizinho*, Rio de Janeiro, Biblioteca Azul, 2014.

TWAIN, Mark, *Conversation, as it was by the Social Fireside, in the Time of the Tudors*, Nova Iorque, Impressão Privada para Lyle Stuart, 1961.

Materiais de apoio:

HOUAISS, Antônio & SALLES VILLAR, Mauro de, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 6 vols, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002-2003.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt>

<https://dicionario.priberam.org/>

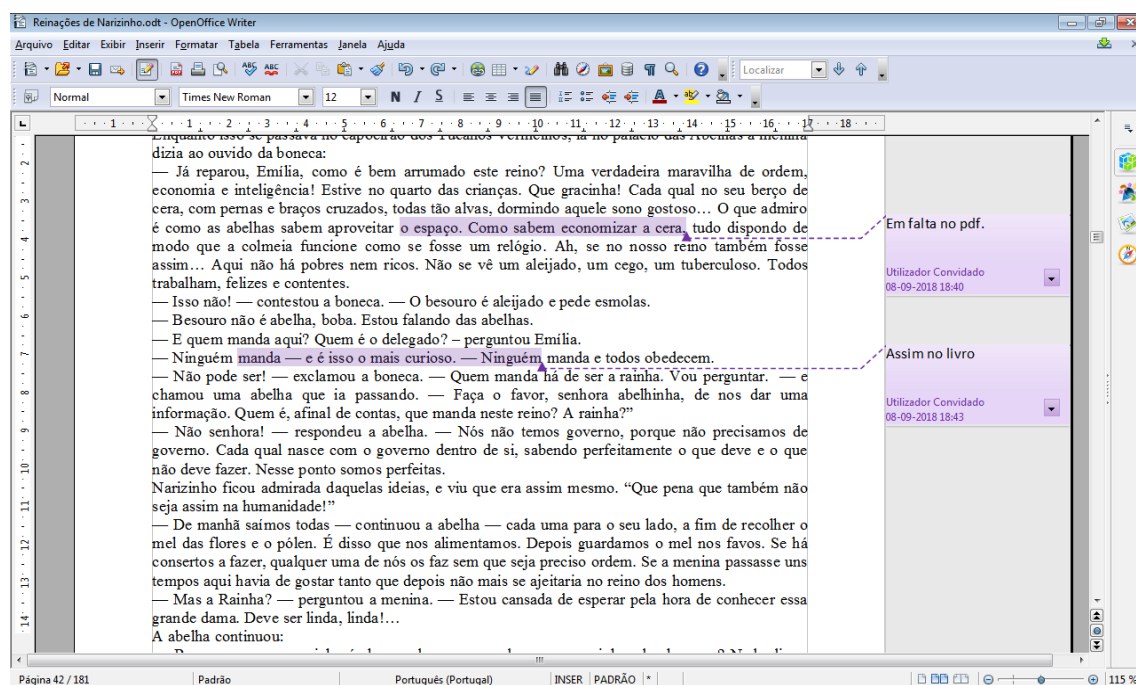
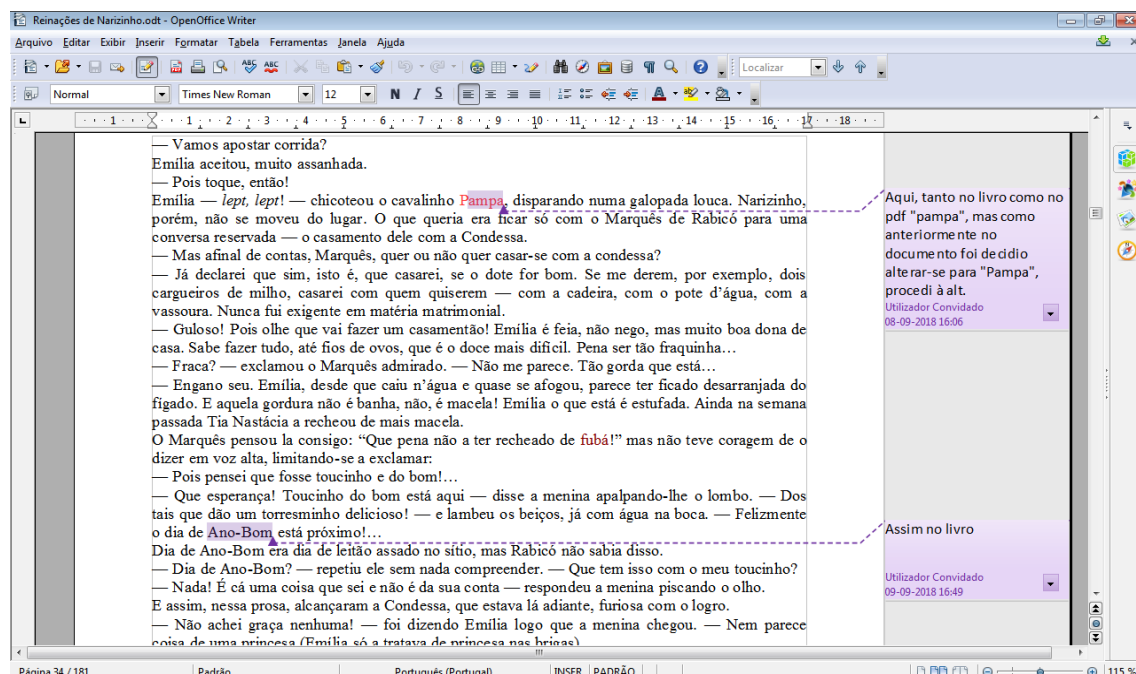
<https://www.infopedia.pt/>

<https://www.etymonline.com/>

<https://www.merriam-webster.com/>

8. Anexos

i – Dois exemplos do trabalho de revisão de *Reinações de Narizinho*



Durante o Natal explorarei algumas livrarias para ver se tinham em exposição as publicações da Ponto de Fuga, aqui fica os resultados dessa caça ao tesouro:

ii – Livros de Beatrix Potter em exposição na FNAC (Vasco da Gama)



iii – *Caravana Encantada* e *Contos Completos* de Beatrix Potter em exposição na Bertrand (Vasco da Gama)



iv - Álbum de Amadeo Souza-Cardoso em exposição na Bertrand (Vasco da Gama)



v – Onde é que já se viu um livro com três folhas de guarda? Esta foto mostra outro erro de impressão nos livros de Beatrix Potter.

